

Entrevista: Paul Singer

Nesta entrevista realizada por e-mail em 12 de setembro de 2003, Paul Israel Singer – que está à frente da Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) do Ministério do Trabalho e Emprego – falou a Fábio de Oliveira e Tatiana Freitas Stockler das Neves de seu percurso intelectual e do papel da Universidade e do Estado para o desenvolvimento da Economia Solidária.

Cadernos – Atualmente você trabalha com a temática da economia solidária. Antes disso você trabalhou com quais temas? Como foi esse percurso?

Paul Singer – Ao longo de minha vida profissional e militante ocupei-me de diversos temas: desenvolvimento econômico e seus desdobramentos territoriais, que foi o tema de minha tese de doutoramento (Singer, 1966); dinâmica populacional e desenvolvimento, que se tornou o tema de minha tese de livre-docência (Singer, 1968) e trabalho e desemprego, que foi minha preocupação principal nos anos 1970, quando publiquei *Economia política do trabalho* (Singer, 1977). Mas me ocupei também da economia dos serviços, tema que me chamou a atenção quando investiguei a mudança na estrutura da ocupação. Em função disso, estudei os serviços de saúde, do que resultou *Prevenir e curar*, o livro que coordenei (Singer, Campos & Oliveira, 1978). A partir dos 1980, minha preocupação principal foi a globalização, que se tornou o tema de meus cursos de pós-graduação, quando voltei à universidade em 1993, após ter ficado fora dela por quatro anos como secretário municipal de planejamento. O agravamento do desemprego me fez voltar à questão do trabalho, o que a partir de 1996 me levou à economia solidária.

Cadernos – Muitos de seus livros demonstram um esforço em aproximar a linguagem da economia à linguagem do senso comum, como uma clara tentativa de romper com o “economês”, que, entendemos, visa permitir que as pessoas dominem a economia. Por outro lado, assistimos no Brasil, a colonização da vida cotidiana pelos “imperativos” econômicos: por exemplo, hoje, qualquer pessoa é obrigada a preocupar-se com a taxa Selic, com a bolsa de valores de Nova Iorque e vê crescer o número de programas televisivos dedicados exclusivamente à economia. Afinal, são as pessoas que vão dominar a economia ou a economia é que vai dominar as pessoas?

Paul Singer – Acho que a economia ficou muito mais instável e agressiva para as pessoas depois que o neo-liberalismo se tornou hegemônico, nos anos 1990, no Brasil. O desemprego em massa e de longa duração é o conhecido “horror econômico”, que desgraça a vida de muita gente, o que deixa todo mundo angustiado. Para que as pessoas possam voltar a dominar a economia em vez de serem dominadas por ela é preciso que elejam governos dispostos a controlar as forças de mercado, em vez de se submeter passivamente a elas. A principal força de mercado é a intermediação privada de capitais, que, fora de controle, se torna um elemento parasitário, que se enriquece com a instabilidade econômica.

Cadernos – É possível construir, pensando de um modo geral, uma economia solidária no contexto de uma sociedade capitalista? Quais os grandes desafios que se apresentam para essa construção?

Paul Singer – A economia solidária de fato se constrói nos interstícios que as crises inerentes ao capitalismo deixa desocupados. São empresas em crise “tomadas” pelos seus empregados e transformadas em cooperativas; terra deixada improdutiva que via reforma agrária é entregue a trabalhadores, que a cultivam em empreendimentos solidários; é o lixo que infesta as cidades que é reciclado por cooperativas de catadores etc. O maior desafio é motivar e resgatar a multidão deixada à margem, fazendo-a ver que sua emancipação é possível desde que se tornem os protagonistas dela.

Cadernos – Tomando por base, agora especificamente, as experiências no Brasil em relação à construção de cooperativas como as de catadores de papel, de artesãos etc., ou seja, as que envolvem pessoas em situação de extrema pobreza, você considera que essas cooperativas têm o potencial de gerar renda suficiente para a manutenção da vida com dignidade? Se é possível, o que é preciso garantir para que esse objetivo seja alcançado?

Paul Singer – No caso específico dos catadores, eles só poderão alcançar renda digna se puderem dominar as etapas subsequentes à catação: separação, compressão, reprocessamento dos materiais, produção de novos bens. Os catadores terão de se organizar para exigir e conquistar uma política ambientalista e social por parte das autoridades municipais.

Cadernos – Em sua avaliação, existe alguma diferença de inserção determinada pela questão de gênero nas iniciativas de construção de cooperativas? Se existe, de que modo podemos compreender isso?

Paul Singer – Acho que não existe diferença de inserção em função do gênero, mas conjunturalmente homens e mulheres são afetados de maneira distinta pela crise. A desindustrialização atingiu mais os homens, a expansão dos serviços abriu novas oportunidades às mulheres. Mas, acho que em breve as distinções de gênero na inserção social vão começar a desaparecer, pois há cada vez menos trabalhos que somente um gênero pode executar.

Cadernos – Qual o papel das universidades na construção da economia solidária?

Paul Singer – As universidades abrigam e apoiam incubadoras de cooperativas populares, que constituem elo vivo entre a comunidade acadêmica e as camadas destituídas. A partir das experiências das incubadoras, desenvolvem-se a pesquisa e o ensino de economia solidária, tanto para forjar a teoria desse processo, como para formar os quadros capacitados a levá-lo adiante.

Cadernos – Como formular políticas públicas que incentivem a economia solidária e ao mesmo tempo não sejam uma imposição de cima para baixo de práticas que deveriam ser pautadas pela autogestão e pela iniciativa das próprias pessoas?

Paul Singer – Há de fato o perigo de políticas públicas tentarem construir a economia solidária a partir do Estado, o que a torna odiosa aos que são coagidos a integrá-la. A autogestão para ser autêntica tem de ser o produto da convicção de quem a pratica. Políticas públicas devem oferecer o suporte material aos movimentos e ONGs, que prestam um serviço público ao difundir a economia solidária, especialmente entre os que podem ser redimidos por ela.

Cadernos – Como a economia solidária se insere no atual governo federal e quais ações serão implementadas?

Paul Singer – O governo federal instituiu a Secretaria Nacional de Economia Solidária no Ministério do Trabalho e Emprego, que tem por objetivos fomentar empreendimentos solidários, apoiar agências que se dedicam a esse mister e divulgar dados e análises da situação em que se encontra a economia solidária no país e no exterior. Muitos outros órgãos do governo tomam o desenvolvimento da economia solidária como premissa de suas próprias políticas públicas. Estão nesse caso os ministérios de Segurança Alimentar, Meio Ambiente, Desenvolvimento Agrário, Minas e Energia, Cidades etc.

Referências Bibliográficas

- Singer, P. I. (1966). *Desenvolvimento econômico sob o prisma da evolução urbana*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Singer, P. I. (1968). *Papel do crescimento populacional no desenvolvimento econômico*. Tese de livre docência, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Singer, P. I. (1977). *Economia política do trabalho*. São Paulo: Hucitec.
- Singer, P. I., Campos, O. & Oliveira, E. M. (1978). *Prevenir e curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.